

DILEMA CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA ABORDAGEM ARQUETÍPICA E HOLÍSTICA

Kazue Matsushima*

Introdução

"É precisamente no começo que esta séria concentração é importante, pois no início está a semente de tudo que se seguirá." (I Ching. hex. 30)

Ao tentarmos discorrer sobre Educação Ambiental ocorre-nos de ordinário uma indagação aparentemente "elementar": O QUE É EDUCAÇÃO AMBIENTAL? A busca de uma significação mais profunda, subjacente a essa indagação, parece representar uma voz coletiva. Entretanto, raramente dá-se a ela a devida importância que tem, como tem tudo aquilo que se encontra de modo latente e coletivo no âmago de cada indivíduo. E, como tudo aquilo que emerge do universo ao qual pertencem os princípios que regem a formação e o desenvolvimento de cada coisa que compõe a natureza, a formulação dessa resposta implica por um lado uma elaboração dotada de sentido e significado, bem como a necessidade de vivência de um processo concreto de trabalho e, de um certo tempo, ritmo, tranquilidade e acertividade, pois estas são qualidades inerentes a esse plano da realidade. E, essa formulação só é possível de ser gerada na confluência da vivência de processos concretos de trabalho e da abstração dos mesmos; isto exige uma detida, séria e profunda escuta intuitiva e perceptiva e reflexão pouco suspeitadas.

Por outro lado, escutar essa voz significa caminhar, preliminarmente, para a compreensão do sentido para o qual as palavras associadas ao termo educação ambiental foram destinadas arcaicamente, no momento de sua criação, bem como para a compreensão da marca do tempo em que vivemos. Isto implica, num sentido, a necessária identificação e leitura da essência do problema do homem moderno e portanto da civilização

* Socióloga, licenciada em Ciências do Meio Ambiente pela Universidade Livre de Bruxelas. Doutora em Psicologia (Educação Ambiental) pela USP. Aikidoista (I Dan). Aquarelista.

e do estado do ambiente ao qual este ficou reduzido e, num outro, a necessária constituição de uma cosmovisão capaz de fornecer solo e direção adequada ao pensamento, à fala e ao gesto que leva o nome de Educação Ambiental. Portanto, discorrer sobre este tema não é uma questão tão simples ou fácil como aparenta ou tem se apresentado.

A leitura do dilema contemporâneo e a constituição de uma visão de mundo, de vida e de educação ambiental, como já disse, requer estudo, vivência, reflexão, averiguação da prática, tranquilidade de espírito, tempo, e ritmo adequados à natureza do universo de onde emerge essa indagação. No entanto, a sociedade a qual pertencemos encontra-se demasiadamente distante daquilo que propicia o escutar da silenciosa voz do inconsciente e não favorece o deter-se nela. Ao contrário, promove o passar "batido" por ela e captura os desavisados à escuta e adoção daquilo que existe de mais abundante, fácil e dominante na sociedade: os conceitos racionais compartimentados cartesianamente, independentes da experiência vivenciada, fáceis de serem "pinçados" e reproduzidos de modo desenraizado, mecânico, parcial e sem compromisso com a necessária meditação e inteireza. A propósito, a forma como esta matéria é constituída traz implícita a tentativa de tornar difícil a possibilidade de reprodução dessa tendência; a idéia conceitual vai se formando à medida que vai se adentrando na leitura, na confluência da descrição dos fatos e abstração dos mesmos, ou seja, como decorrência da "transcendência da experiência empírica para a experiência não-sensorial da realidade" (Capra, 1984): a colocação abstrata repousa na experiência de tal modo que a compreensão e reprodução do conceito que aqui se coloca não pode ocorrer dissociada do substrato que lhe dá a relativa garantia de manter a unidade entre o abstrato conceito e a concreta realidade, isto é, de manter o conceito enraizado na realidade, com vida; portanto, o sentido conferido a cada uma das colocações corre o risco de esvaziar-se, se forem separadas do todo e das partes que as interligam num *continuum* indissociável.

Apesar do germe do novo já estar instalado no seio do tempo em que vivemos, ainda é dominante a marca do contrário a tudo aquilo que emerge com sentido restaurador do indivíduo e da natureza. O movimento restaurador, se destituído de um sólido fundamento (raiz), é facilmente recupe-

rado pelo sistema de eficiência sem precedentes, como um elemento a mais do próprio sistema que gera a marca desta época: a que devora tudo aquilo que constitui fonte de vida. Muitas vezes, as ações vêm encobertas com as palavras da marca do tempo vindouro, mas a sua essência constitui a sua própria negação, ou seja, mera afirmação do velho.

A fragilidade ideológica decorrente da superficial e imediatista reflexão e elaboração de um "fundamento" desconectado da realidade viva e concreta favorece que se tome emprestado um conceito que soa, oportunamente, "mais ou menos bem" como Educação Ambiental e o reproduza como se ele estivesse realmente dotado de significado e sentido, isto é, como se estivesse dotado da capacidade de servir de solo e norte às idéias e práticas que portam o nome de Educação Ambiental. Ou ainda, favorece que se denomine indiscriminadamente Educação Ambiental qualquer atividade que tenha alguma relação com a natureza e ambiente, ou que venha "embrulhada" com algo que evoca o "ecológico" mesmo que destituído de qualquer tentativa de encontro de respostas àquela indagação que exige uma profunda seriedade e reflexão. E com isso corre-se o risco de se reproduzir e reforçar, consciente ou inconscientemente, o universo de valores da ideologia dominante. Aí parece residir um dos grandes equívocos subjacentes ao movimento que carrega o nome de "educação ambiental".

Assim como não é possível conceber Educação Ambiental dissociada da idéia do processo, acredito que também é impossível concebê-la separada da idéia de formação de valores, idéias e posturas, às quais denominamos de **ideologia**. Isto significa a exigência de constituição de sólidos fundamentos e referências sobre os quais e a partir dos quais a educação ambiental possa começar a ser pensada, formulada e praticada conceitual, filosófica e vivencialmente. Do contrário, ela acaba por se transformar em mera prática ou conceito destituídos de um sentido mais profundo de vida e de uma capacidade transformadora e formadora de algo condizente com o sentido implícito do termo Educação Ambiental. Isto significa que o tema exige antes de mais nada ser precedido de um empenho pelo maior conhecimento (vivencial, teórico, prático) possível de si mesmo (empenho esse denominado por Jung de processo de individualização), do outro e do contexto no qual ele se encontra (local, mundial, cósmico), a fim de constituir um fundamento, a partir do qual ele possa

orientar-se com uma certa margem de segurança contra o risco de ser recuperado pela tendência dominante.

Essa leitura e formulação inicial em forma de fundamento e referências parece constituir a "... semente de tudo o que se seguirá" (I Ching, 1983). Afinal, é a partir dessa formulação que os princípios éticos, filosóficos e metodológicos são possíveis de serem delineados como solo e norte, tanto dos aspectos teórico-filosóficos como dos prático-vivenciais de Educação Ambiental. Algumas considerações em torno desta colocação serão desenvolvidas a seguir.

Da Perspectiva Multi e Interdisciplinar à Arquetípica e Holística

Em 1984, ao tentar constituir um modo multi e interdisciplinar de trabalhar Educação Ambiental no ensino de 1^o grau (Matsushima, 1984), realizamos preliminarmente uma apreciação geral das informações sobre Meio Ambiente, Ecologia, Educação Ambiental, e, posteriormente, do conteúdo curricular do ensino de primeiro grau do município e do estado de São Paulo e da estrutura e forma de organização nas quais esse ensino ocorria. Constatamos determinadas tendências (Matsushima, 1987), como:

- predomínio, na Educação Ambiental, de uma visão centrada em Biologia;
- criação de uma disciplina de Educação Ambiental independente das outras ou inserção da mesma na disciplina de Biologia ou, indistintamente, na área de Ciências Físicas e Biológicas;
- dissociação entre a escola, o meio físico e a comunidade;
- defasagem entre o amplo discurso de caráter multi e interdisciplinar e a generalizada prática disciplinar de organizar e transmitir as informações de forma compartimentada demonstrando uma frágil conexão com os dados das diversas áreas do conhecimento;
- preponderância das linguagens técnica e científica, ao lado da ausência ou da tênue integração de linguagens e instrumentos tais como a intuição, percepção sensorial e emoções;
- preconização de uma educação amplamente voltada para o ambiente, ao lado da escassez e do difícil acesso, para os professo-

res e para a grande maioria da população, às informações sobre o Meio Ambiente, Ecologia e Educação Ambiental;

- reprodução da compartimentação na própria dinâmica, organização e estrutura onde ocorre o ensino;
- sobrecarga para a escola e para os professores de projetos extracurriculares, em detrimento do exercício essencial do ofício de cada professor;
- subutilização da estrutura curricular como instrumento perfeito à prática de Educação Ambiental, a partir do seu conteúdo programático.

Tais tendências eram reproduzidas na grande maioria dos trabalhos sobre Educação Ambiental, tanto teóricos como práticos, tanto naqueles realizados na esfera informal da educação como nos realizados na esfera institucionalizada. Eram, portanto, tendências dominantes e, pela natureza do seu caráter, suscetíveis de críticas.

Ao mesmo tempo, aos poucos fomos percebendo que essas tendências dominantes constituíam, em última instância, desdobramentos de uma tendência básica do homem moderno: a da cisão entre o pensamento, a fala e o gesto. Todo um conjunto de contradições manifestas parecia, em última instância, estar a ela relacionada. Certas formulações teóricas adotadas e reproduzidas em discursos não se traduziam efetivamente em atos, ou seja, em transformação concreta da realidade; o que era criado para nortear os trabalhos práticos pareciam permanecer no mesmo estado da não-vivência da idéia ou do conceito, e deste não safa para se transformar em realidades concretas. Essas formulações conceituais, desconectadas de uma vivência e de uma determinada configuração real, eram novamente reproduzidas por instâncias e indivíduos que pareciam alheios à imprescindibilidade da simultaneidade da intenção e do gesto na transformação de qualquer realidade. A intenção presente nos conceitos e discursos não se transferiam do papel e das palavras para os gestos, passando a idéia de que o discurso em si já encerrava o ato transformador. Por outro lado, grande parte dos trabalhos, de caráter eminentemente prático, restringiam-se às atividades vivenciais e de campo, sem grande vínculo com o significado mais amplo das abstrações conceituais ou com as reflexões que propiciam a compreensão mais ampla dos fatos.

Assim, constatamos que contradições entre o discurso multidisciplinar e o gesto disciplinar; entre a recomendação constitucional de promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a ausência de informações, estrutura e espaço (físico e temporal) mínimo voltados à formação dos educadores na área; entre o discurso interdisciplinar e a forma de organização e socialização das informações de modo compartimentado e sem grandes articulações com as diferentes áreas do conhecimento; entre o conhecimento adquirido mediante a própria vida e aquele que é adquirido através da ciência; entre a racionalidade e a intuição; entre o mundo natural e o criado pelo homem, dentre tantas outras contradições, constituíam, no fundo, desdobramentos daquela tendência básica. Outras contradições como as existentes entre a inocuidade das idéias, reuniões, encontros, slogans e discursos pela defesa da natureza e o inexorável prosseguimento do curso da tendência depredadora; entre o amplo discurso de mudar a sociedade e o descuido para com o entorno mais próximo, palpável e exequível como o quarto, a casa, o quarteirão, a sala de aula; entre a percepção e a intenção de transformar uma determinada realidade e a sua efetiva transformação, entre inúmeras outras, refletiam igualmente a natureza daquela tendência humana à cisão.

A questão era, pois, muito mais profunda e complexa do que a simples tentativa de integração das diversas áreas de conhecimento comumente denominada de integração multi e interdisciplinar. Esta até poderia ser realizada com relativa facilidade; entretanto, deixar de realizar uma leitura compreensível dos significados implícitos aos fatos que traziam inerentes a questão da cisão, unilateralidade e dificuldade em integrar as partes compartimentadas e de encontrar um modo de trabalhar efetivamente essa questão deixar-nos-ia numa condição semelhante à do construtor de castelos de areia que presencia, sem nada poder fazer, o desmanchar do produto de seu esforço a cada avalanche da maré.

Não dispondo, na ocasião, de dados suficientes de estudo e de reflexão para a sua clara explicitação e, considerando que não se tratava de realizá-la num curto prazo de tempo, enquanto amadurecia essa percepção intuitiva de residir no fenômeno da cisão e unilateralidade, a existência de algo fundamental, centrei minha atenção no encontro de um modo de superar multi e interdisciplinarmente os desdobramentos dessa tendência

básica no campo da Educação ambiental, tomando-os como referência e detendo-nos longamente na análise deles e na da realidade onde ocorria o ensino de primeiro grau. Procuramos trabalhar essas tendências dominantes no sentido de elaborar um material didático cujo conteúdo, estrutura e forma de utilização pudessem vir a constituir-se em uma tentativa metodológica que favorecesse a reprodução de tendências unitárias e dificultasse a reprodução daquelas dominantes.

Um material didático que pudesse efetivamente integrar, na sua estrutura, conteúdo e forma de utilização, um princípio capaz de tocar as tendências dominantes de uma só vez e, ao mesmo tempo, ser perfeitamente adaptável à dinâmica da estrutura compartimentada da própria realidade onde ocorria o ensino, deveria reunir, no mínimo, qualidades capazes de:

- formar uma referência básica e homogênea em Meio Ambiente e Ecologia entre todos os professores de uma unidade escolar, independente de série ou disciplina, através da transmissão de um mínimo (porém consistente e confiável) de informações elaboradas dentro de uma perspectiva interdisciplinar a fim de criar uma base a partir da qual a solicitação de inserir a questão ambiental nas atividades regulares de ensino fosse viável;
- dispor essas informações básicas de tal modo que permitam, de um lado, integrar os dados das diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, a teoria e a prática, as séries, a escola, a comunidade e o meio físico, e as linguagens que ultrapassam as fronteiras da técnica e da ciência (a poesia, a música, o desenho...), de outro lado, dificultar a reprodução da tendência fragmentária;
- servir de referência e instrumento de apoio à prática de Educação Ambiental, com base em qualquer uma das disciplinas regulares do ensino de primeiro grau, prestando-se como apoio a atividades extraclasse e até mesmo atividades extracurriculares;
- adequar as atividades de Educação Ambiental ao conteúdo programático do currículo regular do ensino oficial, de tal modo que elas fiquem isentas do caráter de obrigatoriedade, de um projeto adicional, de interferência na independência e no modo específico de cada professor exercer o seu ofício, de sobrecarga de trabalho ou de alteração do planejado;

- trabalhar o princípio integrador, dentro da própria estrutura e dinâmica compartimentada;
- constituir referência básica de informações e atividades aos professores, a partir da qual cada usuário possa complementar as informações e criar novas atividades segundo a potencialidade inerente a cada indivíduo;
- dispor de um método capaz de conduzir os treinandos à reflexão e à expressão do seu saber vivenciado e a sua confluência com o conhecimento científico.

Com os pressupostos para a superação interdisciplinar das tendências dominantes, assim configurados, idealizamos um material didático capaz de integrar todas essas qualidades em seu conteúdo, dinâmica e estrutura, dispostas em quatro partes distintas, porém interligadas e inseparáveis entre si por constituírem uma só unidade filosófica, metodológica e técnica. Esse caráter unitário e seqüencial constituía a tentativa de impedir e/ou dificultar o curso da tendência à compartimentação e de estabelecer uma coerência entre o pensamento e o ato, ou seja, entre o que a Educação Ambiental preconiza como interdisciplinar e a sua fiel tradução na prática. O material didático assim idealizado, após sua verificação em 11 escolas públicas, teve seus resultados publicados em 1987 em forma de livro¹ assim dividido:

- **capítulo I** - série de 19 temas de Ecologia, Ecologia Humana e Meio Ambiente, tratados de maneira multi e interdisciplinar, dispostos de tal modo que um tema se presta de "gancho" ao tema seguinte, numa seqüência de informações que vai se ampliando e completando, à medida que os textos vão sendo desenvolvidos. Para cada um dos temas, foi conectada uma série de sugestões de atividades práticas, com as respectivas técnicas, para serem aplicadas, com indicação das possíveis séries e áreas de conhecimento nas quais podem ser trabalhadas;

Matsushima, 1987. Em vista do fundamento metodológico e filosófico deste trabalho requerer melhor explicitação do ponto de vista da compreensão da tendência humana à cisão, unilateralidade e dificuldade em integrar as partes compartimentadas, foi publicado como edição piloto para que o mesmo fosse complementado posteriormente.

- **capítulo II** - conjunto de atividades voltadas a propiciar a realização da interface entre a escola, o meio e a comunidade e a colaborar para diminuir o fosso existente entre essas esferas, na nossa sociedade;
- **capítulo III** - série de técnicas de Comunicação e de Expressão para auxiliar o trabalho de vivência das atividades, de modo a aproximar o conhecimento da vivência, o pensamento do gesto.
- **capítulo IV** - reservado à coletânea de textos de poesia, música e depoimentos; entretanto, pelo curto espaço de tempo de que dispúnhamos para a publicação do material, não pôde estar apto para ser composto na ocasião. No entanto, esse pormenor poderia ser resolvido pela iniciativa de cada professor em pesquisá-los e reuni-los.

Assim, aquelas tendências dominantes sobre as quais discorreremos inicialmente foram trabalhadas do ponto de vista da perspectiva multi e interdisciplinar, de tal forma que:

- a necessidade de formar uma base inicial homogênea em informações, método e instrumentos de trabalho, para que os professores pudessem começar a inserir a questão ambiental nas suas atividades regulares, foi sanada com a elaboração de um conjunto de textos básicos de Meio Ambiente e Ecologia Humana. De acordo com outros pressupostos referidos anteriormente, esses textos foram constituídos de informações básicas, porém consistentes, compostos a partir da perspectiva, tanto das ciências exatas e biológicas como das humanas, decodificados numa linguagem acessível a todos os professores, independente do seu grau de conhecimento em Ecologia, com o intuito de servir de mero roteiro para posteriores aprofundamentos e ampliações individuais;
- os textos receberam uma disposição circular e seqüencial, para que as informações pudessem ser trabalhadas numa seqüência evolutiva e não compartimentada ou isoladas umas das outras. O conteúdo de cada tema/texto foi composto com a função de preparar a introdução do seguinte, a fim de propiciar a conexão de cada tema ao tema subsequente. Assim, a ampliação, o aprofundamento e o amadurecimento do conhecimento nessa área

poderiam ocorrer, paulatina e evolutivamente, tal como o princípio que rege o crescimento das coisas na natureza. Ao término do último texto, as informações básicas em Ecologia e Meio Ambiente teriam, dentro do seu intuito, transmitido uma visão global e não compartimentada;

- a idéia de unir a teoria à prática curricular foi equacionada com a elaboração de um conjunto de atividades práticas acompanhando cada um dos temas/texto, as quais foram elaboradas de acordo com a série e com a área do conhecimento. Grande parte dos conteúdos dessas atividades, em si, não tiveram, na ocasião, a oportunidade de receber um tratamento especificamente integrador; contudo, só o mero fato de apresentá-los, unidos a cada conteúdo temático de caráter teórico, foi considerado suficiente;
- a unidade entre a teoria, a técnica e a vivência foi resolvida pela inserção de um conjunto de técnicas de comunicação e expressão, destinado a apoiar e propiciar a vivência dessas atividades;
- a idéia de minimizar o fosso existente entre a escola, o meio e a comunidade foi tocada mediante a elaboração de uma série de atividades práticas (estudo do meio, memória dos antigos, estudo de caso), com vista a favorecer a aproximação entre a escola, o meio e a comunidade;
- a integração entre o individual e o coletivo, os dados da vivência e os da ciência foi tratada através da elaboração do modo de trabalhar o processo de formação de idéias descrito a seguir. No início de cada tema/texto, foi anexada uma prancha interrogativa com o título alusivo a cada tema (por exemplo, o que se entende por meio ambiente?), a fim de propiciar a cada educador, na ocasião do treinamento, reflexão, formulação e expressão de conceitos, a partir da vivência e do ritmo singular de cada um. As informações constantes nos textos seriam ampliadas e completadas com informações de diversas outras fontes e idéias oriundas da vivência de cada um dos componentes do grupo de treinamento. Caso houvesse discrepância entre o que era vivenciado e os conhecimentos científicos, estes seriam retomados através de discussões orientadas, ampliadas e esclarecidas com o apoio de diversos outros textos e de audiovisuais pertinentes;

- a fim de integrar a linguagem que extrapola os limites da ciência e da técnica, foi reservado um capítulo para a coletânea de textos extraídos de música, poesia e depoimentos a serem utilizados na compreensão e no trabalho da questão ambiental;
- o respeito à individualidade foi expresso pela indicação do caráter não-impositivo, não-obrigatório, não-rígido do material e pela recomendação de utilização do material apenas como fonte de consulta e referência para a criação de novos textos e atividades, segundo a capacidade criativa que cada usuário porta em si de maneira original;
- a necessidade de criação de condições que permitissem integrar e desenvolver esses pressupostos, junto aos educadores e dentro de uma estrutura compartimentada, foi equacionada com a proposta de treinamentos em cada unidade escolar, reunindo todos os educadores dessa unidade, independente de série ou disciplina, e, se possível, os demais membros da escola, como o diretor e o pessoal da administração e manutenção. Esta seria, pois, a única condição inicial necessária e imprescindível ao desenvolvimento de um trabalho congregando a natureza de todos esses pressupostos. Para isso bastava apenas um espaço de tempo de 4 a 5 dias integrais.

Com a condução e finalização do processo de trabalho dessa maneira, pudemos considerar que, pela natureza do produto (material didático), ele havia alcançado a superação daquelas tendências dominantes e apresentava-se apto a apoiar os professores que quisessem trabalhar multi e interdisciplinarmente a questão ambiental em suas aulas regulares, sem alterar a sua programação normal e obrigatória. Portanto, isento do caráter de proposta de uma disciplina especial, de um programa obrigatório ou de uma atividade adicional, aplicável em qualquer uma das disciplinas que compõem o programa oficial, de modo a reservar a cada professor, autonomia e independência, no seu trabalho de Educação Ambiental.

Com a publicação do material demos por encerrada a superação multi e interdisciplinar das tendências dominantes e fomos ao enalço da compreensão daquilo que considerávamos mais essencial e primordial, ou seja, da compreensão da tendência básica do homem à cisão, unilateralidade e dificuldade em integrar as partes à unidade, sem a qual julgá-

vamos que tanto a teoria como a prática de Educação Ambiental estavam destituídas de um fundamento sobre o qual pudesse assentar-se e nortear-se. Por outro lado, a formulação de um sólido fundamento com base nessa compreensão nos permitiria substituir este que acabávamos de elaborar, mas o considerávamos indubitavelmente estreito para a ampliação dos significados que encerravam a Educação Ambiental e exigiam a superação dos seus limites. Nisso consistia nosso principal interesse.

O que mais nos motivava à investigação era compreender por que essa tendência básica do homem à cisão e unilateralidade se reproduzia como um fato tão natural na sociedade, nas pessoas e no trabalho em geral. Chamava-nos particularmente a atenção, a persistência com que essa tendência era reproduzida pelo ser humano e permeava toda cultura, instituição e sociedade, a ponto de reagir contra qualquer tendência integradora, com tenacidade e até mesmo violência, para permanecer de modo irredutível como tendência dominante.

Pela sua natureza complexa e profunda, a questão requeria longos anos de estudos e detida reflexão; necessitava de uma instância e um tempo adequados à sua formulação explicitada. Nosso ingresso no curso de doutorado em Psicologia foi uma tentativa de suprir essa necessidade. Assim, começamos o percurso em direção à compreensão mais aprofundada acerca da cisão, unilateralidade e dificuldade do homem em integrar as partes à unidade, o que acabou resultando, ao cabo de 5 anos de reflexão, estudo, vivência e averiguação na prática de ensino de Educação Ambiental, no trabalho intitulado "**Perspectiva Arquetípica e Holística em Educação Ambiental: fundamento, vivência e prática**" (Matsushima, 1992), do qual reproduzimos aqui alguns fragmentos.

O reconhecimento inicial acerca da essência subjacente aos atos fragmentários e unilaterais foi que estas tendências contrárias à unidade, constituíam mera representação externa da cisão e oposição interna existente no homem, em nível da psique, entre o inconsciente e o consciente. Em outras palavras, entre a consciência objetiva² e a consciência

² Campbell(1990) utilizou a expressão "consciência objetiva" ao se referir ao inconsciente, no mesmo sentido que Jung se referiu às emoções, sentimentos, fantasias,

subjetiva, expressa na unilateralidade do homem, decorrente do distanciamento e da perda da raiz que o derivou e da adoção da fala³ que se faz a partir da consciência subjetiva, em cujo centro, orientando-a, reside o **ego**. Acontece, entretanto, que este constitui apenas um irrisório derivado da ancestral consciência objetiva, una e livre de polaridade, em cujo centro reside o **self**, regendo todos os processos objetivos. Esta última, também denominada Energia Primordial, Tao, Deus, Ki, Brahman, Espírito, Eternidade, porta em si tanto os princípios e processos que propiciam e garan-

ou impulsos, oriundos do inconsciente, como objetivas formas de expressão. Nesse sentido Campbell dotou as plantas e animais de uma consciência extremamente objetiva. Ocorreu-me uma compreensão análoga quando assisti a um vídeo intitulado Os Bichos são Gente Boa O vídeo mostrava certos aspectos da vida pungente num oásis do deserto da Pré-Namíbia, que se forma temporariamente após a estação das chuvas, no qual determinado pássaro "ajuda" um animal de carapaça dura, semelhante a um ouriço, a encontrar o alimento, indicando-lhe o percurso que leva ao favo de mel. O pássaro, apesar de conhecer o caminho, não possui recursos para extrair o favo, isento de ferroadas das abelhas. O "ouriço", apesar de desconhecer a fonte, detém em si esse recurso. Uma cooperação em torno de uma necessidade comum passa a se estabelecer. Nessa associação, tanto um como o outro "sabe" de antemão a parte que lhe cabe, seja "fazer ou usufruir". Uma vez extraído o alimento, o "ouriço" se beneficia do grosso do mel e deixa o resto para o pássaro que passa a se alimentar daquilo que lhe foi deixado. O mesmo ocorre com o mundo das plantas: determinadas plantas noturnas, ao exalarem odor, atraem o seu polinizador noturno, e este por sua vez se orienta pelo odor que elas exalam e se alimenta do seu néctar. Portanto, ao falar em consciência objetiva estaremos nos referindo àquela realidade subjacente à forma manifesta, portadora de princípios extremamente sutis, harmônicos e objetivos que determinam a relação e o curso dos fatos. Referimo-nos ao universo onde o dar e o receber constituem aspectos de um só princípio, o qual, por sua vez, encontra-se conectado a um sentido maior, a natureza como um todo. Nele, a manifestação e a afirmação das potencialidades virtuais constituem o fundamento da existência e da evolução do universo e do indivíduo, cujo centro diretor é a Energia Primordial, I manancial da vida e território livre de polaridade, em nós, o self, a unidade essencial última, livre de unilateralidades, que contém em si, tanto o universo objetivo como o subjetivo. Este último é comumente denominado de consciência, à qual nos referiremos como "consciência subjetiva", em cujo centro reside o ego. A diferença da "consciência objetiva", esta não abarca a totalidade da consciência e encontra-se sob o domínio dual, espacial, temporal. Por ter despontado do grande e obscuro oceano, base de toda a vida, adquiriu a capacidade de começar a "ver" de fora, diferenciando-se de animais e plantas, ainda submersos no obscuro oceano, mas passou a ignorar que ela mesma constitui apenas uma ínfima parte desse oceano e só pode existir e fluir a partir dele.

A "fala", aqui, inclui o pensamento, a fala e o gesto.

tem a existência e a continuidade da vida, como o sentido para o qual caminha o universo. Se tentarmos compreender o sentido implícito nas máscaras⁴ pelas quais esse universo se faz comunicar, poderemos até conhecer a sua natureza, mas da natureza última de sua realidade já-mais teremos condições humanas de saber.

A partir de então pudemos reconhecer a existência de um outro plano da realidade, subjacente ao mundo manifesto e dotado de princípios próprios: objetivo e impessoal, distinto daquele estabelecido pela "razão" humana, a reger, em última instância, todas as coisas existentes no universo "rumo ao sentido apontado pela natureza" (Campbell, 1990). A esse plano da realidade Campbell denominou consciência objetiva. Dele, o fenômeno da sincronicidade⁵, o qual escapa a qualquer controle, previsão ou mensuração científica, constituía apenas uma de suas manifestações.

Dentro dessa perspectiva, é como se todas as coisas existentes compusessem um grande mosaico vivo, do qual somos um sopro no tempo e um microgrão no espaço, conectados a uma Grande Consciência que

⁴ Emprestamos esse termo de Campbell (1990) ao nos referirmos à forma como a realidade última se faz comunicar, conectar, através de "máscaras", nunca de modo direto. Os arquétipos, os mitos, a poesia, as metáforas, os símbolos constituem essas máscaras, a penúltima verdade, "penúltima, porque a última não pode ser transposta em palavras. Está além das palavras, além das imagens, além da borda limitadora da Roda do Devir dos budistas. A mitologia lança a mente para além dessa borda, para aquilo que pode ser conhecido mas não contado" (p. 173). Essa verdade última tem o mesmo sentido da ETERNIDADE expressa por Jorge Luis Borges (1953, p. 23). "A eternidade é um mero hoje, é o fruir imediato e lúcido das coisas infinitas", portanto o viver o aqui e o agora, isento de polaridade, que integra tudo o que pertence àquela fração de momento, íntegro e livre do domínio temporal e espacial.

⁵ Para fazer entender esse conceito com a menor margem de incompreensão, Jung (1988b) o abordou de diferentes maneiras. Primeiramente, tomou-o como sendo uma diferenciação moderna dos conceitos obsoletos de correspondência, simpatia e harmonia, mas distinguiu-o deles por basear-se não em pressupostos filosóficos, mas na experiência concreta e na experimentação (p. 94). Depois, a escolha desse nome foi atribuída à simultaneidade de seu caráter, "para designar um fator hipotético de explicação equivalente à causalidade" (p. 14). Feita essa distinção, caracterizou o fenômeno da sincronicidade como a aparição simultânea de dois acontecimentos, ligados pela significação, mas sem ligação causal" (p. 19).

sabe e rege tudo, mesmo antes da manifestação, imprimindo as regularidades cíclicas que mantêm o universo inteiro de vida, em permanente renovação, repartição, continuidade e evolução para as formas cada vez mais complexas. Referimo-nos ao princípio que confere à morte a condição de possibilidade de renovação e prosseguimento do curso da vida para além da etapa onde se encontrava no momento de sua morte. Esse princípio, como se sabe, encontra-se subjacente a toda existência cíclica do mundo natural (ciclo biogeoquímico, cadeia alimentar, fluxo de energia). É ele que propicia a renovação, redistribuição e reciclagem de toda a matéria, assegura o florescimento de novas vidas e mantém a vida em permanente vida: a impermanência possibilitando a permanência de vida. Esse princípio se estende em toda a extensão da vida, da qual fazem parte o homem e a cultura. Campbell (1990, p. 15) afirmou, a esse propósito, que:

"É próprio da tradição cartesiana pensar na consciência como algo inerente à cabeça, como se a cabeça fosse o órgão gerador de consciência. Não é. A cabeça é um órgão que orienta a consciência numa certa direção ou em função de determinados propósitos. Mas existe uma consciência aqui, no corpo. O mundo inteiro, vivo, é modelado pela consciência. Acredito que a consciência e a energia são a mesma coisa, de algum modo. Onde você vê", de fato, energia de vida, lá está a consciência. O mundo vegetal, com certeza, é consciente. E, ao viver no campo, como aconteceu comigo quando criança, você pode ver toda uma série de consciência vegetal, assim como existe uma consciência animal, e nós partilhemos de ambas. Quando você ingere certas comidas, a bilis sabe se existe aí algo que exige a participação dela. Esse processo todo é consciência. Tentar interpretá-lo em termos simplesmente mecânicos não funciona."

Trata-se de um universo semelhante a uma megaestrutura invisível, viva, objetiva, arcaicamente preexistente e ao mesmo tempo flexível ao aqui e agora, destituída de dualidade e do domínio espacial e temporal, à semelhança da idéia junguiana de arquétipo⁶ e do universo mitológico como representação dessa realidade (Energia Primordial, Ki, Espírito, Alma, Brahman) e da realidade do Tao, na cosmovisão chinesa:

⁶ O sentido mais imediato que nos ocorre com o emprego da palavra arquétipo vem do

Brahman) e da realidade do Tao, na cosmovisão chinesa:

"O Tao é o que move e mantém em interação essas forças. Como este 'algo' significa apenas uma direção invisível e de todo incorpórea, os chineses escolheram para designá-lo a palavra Tao, cujo significado - caminho, curso -, mesmo não sendo algo em si, coordena todos os movimentos (...) o curso de todas as coisas, o princípio Uno no interior do múltiplo. Para que possa tornar-se manifesto é necessário uma decisão, um postulado fundamental. Este postulado é o 'Grande princípio primordial' de tudo o que existe, 'tai chi' - que no sentido original significa 'viga mestra' (...) Segundo

grego *arché*, de "princípio", de "origem", de "arcaico", e da compreensão vinculada à colocação feita por C.G. Jung, como potencialidades inatas virtuais presentes em formas de imagens (estruturas) primordiais que nos foram legadas desde os tempos primitivos na forma de imagens mnemônicas e que "só aparecem na matéria formada como princípios reguladores de sua formação; quer dizer, somente por conclusão, após o término da obra de arte, consegue-se reconstruir o projeto primitivo da imagem primordial" (Jung, 1987, p. 69), 1988b. Nesta citação aproveitamos para embutir a necessária distinção que Jung sempre fez entre o arquétipo em si e as manifestações arquetípicas: "Um arquétipo em si não é bom, nem mau. É um *numem* moralmente indiferente. Só através de sua confrontação com o consciente torna-se uma coisa ou outra, ou então uma dualidade de opostos. Esta inflexão para o bem ou para o mal é determinada consciente ou inconscientemente pela atitude humana." (ibidem, p. 92). No contexto em que estaremos empregando o termo arquétipo, uma outra colocação, ao lado daquelas já expostas, se faz necessária para complementá-lo. Referimo-nos à realidade última, invisível e não manifesta, fonte de todo o manifesto, à fonte mais antiga doadora da vida, ao vazio pleno por vir a ser. Referimo-nos à mesma compreensão a que chegaram o Oriente, através do misticismo, e o Ocidente, através da Física: o NADA que é o TUDO. É o TAO de Lao Tsé, como sendo o VAZIO que encerra em si todas as possibilidades virtuais de tudo o que existiu, existe e existirá de modo visível e manifesto, expressando essa realidade quintessencial, a partir de onde emergem todas as manifestações arquetípicas. Estaremos falando também da mesma realidade paradoxal com a qual depararam os físicos, ao chegarem à dinâmica da menor unidade subatômica da matéria. Ela era uma entidade extremamente abstrata e não sólida e indestrutível, como se acreditava, e dotada de um aspecto dual, aparecendo ora como uma partícula, ora como uma onda, dependendo da forma como era abordada. Portanto, capaz de ser matéria e luz ao mesmo tempo, ambígua, exata, arcaica, tal como as linguagens (as parábolas, os paradoxos, os símbolos, os mitos) inerentes ao Eterno, e pelas quais Ele se faz comunicar ou conectar. Referimo-nos, afinal, ao *Insaisible* (inescrutável) que "não pode ser objeto de raciocínio ou de conhecimento demonstrável" (Capra, 1984, p. 31), cuja expressão mais pura encontramos em toda a extensão da natureza

essa concepção, t'ai chi era representado por um círculo dividido em luz e escuridão, yang ying (...) Ele afirma apenas a viga mestra, a linha. Com essa linha, que em si mesma representa a unidade, a dualidade, surge o mundo, pois a linha determina, ao mesmo tempo, o acima e abaixo, a direita e a esquerda, adiante e atrás - em suma, o mundo dos opostos. (I Ching, 1983, p. 228-229)

Ao referirmo-nos ao arquétipo em si, estaremos nos referindo ao que é reconhecido, no Oriente, como a Grande Lei, o Tao, "o suporte da imensidade" (Normand, 1985, p. 137), cuja designação remonta a épocas imemoriais. A grande lei permeia e constitui, sob diversas formas, a base de toda a cultura oriental. Buda, há 2500 anos, denominou-a "Dharma" - a lei que rege todo o universo e cada um dos elementos que dele faz parte. O seu ensinamento vara milênios e consiste na difusão do conhecimento dos princípios inerentes a essa realidade, sobre a qual o Ocidente, por intermédio de uma outra forma de apreensão, discorre atualmente através da Física moderna, da Fenomenologia e de certas vertentes da Psicologia.

Cosmovisão e Conceito de Educação Ambiental

"... cosmo e homem, no fundo, obedecem às mesmas leis; o homem é um cosmo em miniatura, não estando separado do macrocosmo por barreiras intransponíveis. São regidos pelas mesmas leis e há uma passagem ligando uma situação à outra. Psique e cosmo comportam-se como mundo interior e mundo ambiente. Portanto, o homem participa por sua natureza de todo acontecimento cósmico e está entretecido a ele, interna e externamente (...). O Tao, o **sentido do mundo**, o Caminho, domina pois o homem, do mesmo modo que a natureza invisível e visível (céu e terra). O sinal que designa o Tao em sua forma originária consiste em uma cabeça, que deve ser interpretada como 'começo', e em um sinal para 'ir*' (ou andar), precisamente em seu duplo significado que implica também o de 'trilho'; além disso, ainda um sinal para 'deter-se', que desaparece na grafia posterior. O significado originário é assim o de 'um trilho que sendo estável em si mesmo conduz diretamente de um começo até a meta'. O pensamento subjacente é o de que ele, mesmo sendo imóvel, transmite todos os movimentos, outor-

gando-lhes a lei. Os caminhos do céu são aqueles através dos quais os astros se movimentam; o caminho do homem é a via pela qual ele deve andar." (Jung/Wilhelm, 1984, p. 91-92).

Sustentada pela Grande Lei, o conjunto da vida manifesta constitui a expressão do mundo das potencialidades virtuais, isto é, da consciência objetiva. O desabrochamento dessas potencialidades é o espetáculo tornado visível, audível e palpável em forma de movimento, luz, cor, volume, forma, som, do qual participamos em vida.

Em nós, seres humanos, esse desabrochamento das virtuais potencialidades corresponde à expressão dos conteúdos existentes de modo latente no inconsciente que vêm à forma manifesta à medida que os vamos discriminando e trazendo à luz da consciência (consciência subjetiva). A esse processo de trazer, cada vez mais, os conteúdos latentes à luz (no sentido de desvelar ou tornar-se aquilo que de fato somos, de conhecermos a nós mesmos), Jung denominou *individuação*⁷ e *função transcendente*.

⁷ Ao empregar o termo *individuação* estaremos nos referindo à idéia atribuída por Jung (1990), que 'significa tornar-se único, na medida em que por 'individualidade' entendemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si-mesmo. Podemos, pois, traduzir 'individuação' como tomar-se si-mesmo (*Verselbstung*) ou 'realizar-se do si-mesmo' (*Selbstverwirklichung*), e não atribuir a ele o sentido, muitas vezes confundido, com o do individualismo, que "significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas". Portanto, queremos significar com *individuação*, a "realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social" (Jung, 1990, p. 49). Portanto estamos nos referindo ao desenvolvimento à base de integração dos pares de opostos, que ocorre no eixo sélfico, e não àquele que ocorre na linha do eixo egóico que, por ser unilateral, não pode promover o desabrochar das potencialidades virtuais condicionado à integração dos pares de opostos. À integração dos pares de opostos denominamos *função transcendente*, atributo da consciência objetiva. Esta idéia está relacionada, nada mais nada menos, ao princípio básico que propicia o funcionamento harmônico do conjunto natureza, em que ocorre a base de complementação, cooperação, comensalismo e mutualismo, possibilitado pela capacidade que tem cada coisa e cada ser de expressar e afirmar a sua especificidade. As diferenças e singularidades, longe de constituírem ameaça, tal como ocorre numa sociedade massificadora, constituem a base que possibilita criação, reprodução, manutenção, evolução, enriquecimento e continuidade da vida, pois que a vida só pode prosseguir na instância isenta de polaridade, naquela que integra todos os elementos que aqui e agora estiverem implicados.

dente⁸, pelo seu caráter isento de polaridade, a função que promove a realização desse processo. Assim, as possibilidades de revelação do nosso caráter essencial residem e provêm de um campo de natureza idêntica à do plano da realidade, isento de dualidade e do domínio espacial e temporal e, portanto, do mesmo que rege o mundo da natureza. Assim, sob a regência de seus princípios, o homem teria condições de iniciar o processo para entrar em acordo consigo próprio e com a natureza, ou seja, o indivíduo (e portanto, a cultura) e o cosmo, sob os mesmos princípios, poderiam, enfim, conectar-se harmonicamente.

Entretanto, o homem moderno, por ter estabelecido autonomia em relação a esse universo de princípios, está perdendo por completo essa ligação que é de natureza vital. Assim, aquele fenômeno da tendência humana à cisão, unilateralidade e dificuldade em unir as partes compartimentadas, do qual vimos falando desde o início, encontra-se em estreita relação com o distanciamento do homem do território, a partir do qual toda a vida flui, provocando nele uma forma equivocada de ser e estar no mundo e gerando toda sorte de mal-estar a ele próprio e à natureza.

A própria cultura na sua origem foi constituída como decodificação e desdobramento desses princípios. Assim, natureza, homem e cultura constituíam partes integrantes e interdependentes de um mesmo princípio, de uma mesma trama, harmonicamente integrados, sem contradição entre natureza e cultura. É testemunho desse saber o modo como as sociedades ricas em mitologias, e portadoras de uma cosmovisão que integra homem e cosmo numa só unidade, estabelecem as relações entre os homens e a natureza.

As civilizações, na verdade, surgiram como "reproduções de imagens ideais arquetípicas" (I Ching, 1983), isto é, como representações do universo objetivo. E a cultura (o homem) só pode continuar viva, portando algum significado, à medida que permanecer conectada à essência de onde ela foi derivada. Essas leis, por exemplo, segundo o I Ching:

⁸ Jung (1984, p. 69) disse que "por função transcendente não se deve entender algo de misterioso e por assim dizer supra-sensível ou metafísico, mas uma função que, por natureza, pode-se comparar com uma função matemática de igual denominação, e é uma função de números reais e imaginários. A função psicológica e transcendente resulta da união dos conteúdos conscientes e inconscientes".

"... não são externas às coisas, mas constituem a harmonia de movimento inerente às mesmas. É por isso que os corpos celestes não se desviam de suas órbitas e que todos os fenômenos da natureza ocorrem com regularidade precisa. O mesmo acontece na sociedade humana; prevalecem somente as leis enraizadas no sentimento do povo, enquanto que as leis que o contradizem provocam apenas ressentimento" (p. 71).

Ao perguntarmos a partir de onde o homem extraiu essa significação, Wilhelm, na introdução ao I Ching (1983, p. 10) nos lembra que:

"Os homens santos e sábios, estando em contato com aquelas esferas mais elevadas, têm acesso a essas idéias através de uma intuição direta, e, assim, podem intervir de maneira decisiva nos acontecimentos no mundo. Desse modo, o homem está ligado ao céu, ao mundo supra-sensível das idéias, e à terra, o mundo material das coisas visíveis, formando com eles a tríade dos poderes primordiais."

Através desses homens superiores, a cultura, nos seus primórdios, foi sendo constituída como fiel tradução do universo do sagrado. A sua tradução sistematizada propiciava a compreensão da natureza e do significado desse universo aos homens e possibilitava-lhes, neste mundo, manter matéria e espírito (energia, a fonte vital) integrados numa unidade indissociável. E, à medida que esse universo nunca se mostra ou se faz comunicar diretamente, os antigos estabeleceram uma linguagem baseada em símbolos, imagens, sons, números e seus simbolismos para que a comunicação com o universo do indizível fosse possível (**I Ching**). Nesse sentido, a cultura consiste no acúmulo das compreensões realizadas acerca do universo subjacente às formas manifestas, cuja tradução mais próxima encontra-se expressa nos mitos, símbolos, ritos, expressões criativas.

Como parte integrante da cultura, as palavras, por exemplo, no momento em que foram criadas, constituíam decodificação, expressão e extensão dessas leis para o universo humano, de tal forma que cada palavra, na sua origem, tinha o poder de manter os homens irmanados de acordo com o mesmo princípio que rege a natureza. Entretanto, o mundo profano

de hoje desconhece aquilo que os nossos ancestrais captaram, decodificaram e registraram ao longo de milênios em forma de memória cultural compreensível para a ampla humanidade. Como diz Jung (1988a, p.35), "a palavra, que originariamente era mensagem da unidade dos homens e de sua união na figura de um grande Homem, passa a constituir, em nossa época, fonte de suspeita e desconfiança".

De fato, ao retornar à origem das palavras, constatamos que elas, nos primórdios de sua criação, tinham a intenção de veicular o significado da natureza essencial de cada coisa cosmicamente ordenada. O significado inerente a cada uma delas encontrava-se em estreita relação com os mesmos princípios que regem a natureza. Os antigos se esforçavam para designar correta e exatamente, através delas, a essência de cada coisa, a fim de esclarecer e orientar a posição e a conduta do homem de acordo com a ordem cósmica, conferindo poder às palavras, na ação (Normand, 1985). Assim, o homem e a natureza permaneciam ligados sob um mesmo princípio e universo de sentido e significações, sem contradições.

O ideograma, por exemplo, cujo sistema é baseado em imagens, tem o poder de conservar, até os dias atuais, o significado destinado a cada palavra no momento de sua criação. Desse modo, permite traduzir, pela imagem, aqueles princípios de ordem espiritual (energética) que, afinal, regem todo o universo. No ideograma chinês **governar** (𠄎), por exemplo, significa "o que liga três planos: céu, terra e homem" (Campos, 1986, p. 155). O significado imanente a essa palavra é de ordem transcendental. O estabelecimento da ligação entre os três planos só é possível de ser realizado a partir do território isento de polaridade; portanto, somente por aquele que detém em si a capacidade de transcender o universo das polaridades, ou seja, de deixar de lado os interesses unilaterais e egóicos. Esta palavra, com o significado que vem colado à sua imagem, tentou traduzir ao universo humano, no ato de sua criação, o princípio espiritual inerente à função que ela deve portar. O atributo dessa palavra é análogo ao da essência imanente às palavras "justiça", "verdade", "integridade", "amor". Assim, constatamos que a imoralidade da grande parte dos governantes dos dias de hoje expressa o seu distanciamento e rompimento com o sentido primordial (espiritual, moral) destinado à palavra "governar".

O Oriente, de um modo geral, parece ter o privilégio de contar com uma cultura cuja escrita, da forma como foi estabelecida, tem o poder de conservar-se inalterada, mesmo varando milênios, de rememorar a essência daquilo que se pretendeu significar no ato de sua criação.

A estas formas de cultura, capazes de traduzir o universo que se mostra apenas simbolicamente e de trazer os homens conectados à fonte primordial de vida, chamamos de culturas vivas. Destas fazem parte a sabedoria, as metáforas, as parábolas, as imagens, os símbolos, os quais são prenhes de conteúdos capazes de dotar a vida de sentido e significado.

Numa civilização como a nossa, a forma da escrita não tem a capacidade de reter e remeter, de imediato, ao sentido original das palavras, e nos conduz, inevitavelmente, ao ato mecânico de reunião de letras isoladas, sem significados, e ao distanciamento do sentido para o qual elas foram constituídas no momento de sua criação.

Na ausência de uma escrita capaz de refletir de imediato o mundo das significações, retomar o termo Educação Ambiental, a partir do seu sentido etimológico, do significado conferido às palavras no momento de sua criação, constitui, dentro desta perspectiva de trabalho, uma necessidade básica. Desse modo, a definição do seu conceito começa reportando-se à origem mais remota da palavra, a fim de resgatar o sentido conferido a ela, no ato de sua criação, e retomar o mundo de significados daquele universo subjacente a todas as coisas: a natureza, o homem e a cultura. Ao procurar definir o conceito do termo Educação Ambiental, nele encontro associadas duas palavras: Educação e Ambiente. A compreensão distinta de cada uma delas estará, de algum modo, definindo a do conjunto Educação Ambiental.

A palavra **educação**, etimologicamente, significa propiciar o florescimento de algo que já está dentro da pessoa, de modo virtual, em estado nascente, e não encher de conhecimentos um recipiente vazio (Hall, Nordby, 19 , p. 72). Desse modo, ela encontra-se intimamente relacionada à valorização e à plenificação das potencialidades inerentes a cada indivíduo. Isto é, relaciona-se com o desenvolvimento de sua essência singular, que torna esse indivíduo um ser único e diferente dos demais e, por

isso mesmo, pode lhe conferir capacidade de ser Um, função útil no Todo.

A palavra **ambiental** nos remete à idéia daquilo que envolve os seres e as coisas, tanto do meio natural como do meio transmutado pelo homem. Remete-nos à matriz onde ocorrem as relações entre os seres e o meio bio-físico-químico. Remete-nos também à atmosfera de outra ordem, tal como a de ambiente hostil, calmo, alegre, triste ou amigo. Ou ainda, a um universo interior, psíquico, inerente a cada um de nós, um macrocosmo em miniatura, regido pelo mesmo princípio.

Assim, dentro desta perspectiva, toma-se essencial o exercício da expressão das potencialidades inerentes, de modo inalienável a cada indivíduo, como base que propicia ao indivíduo formular uma cosmovisão real, como estabelecimento de relações cooperativas, complementares e interdependentes. Esta referência encontra-se associada também à idéia de que a capacidade de cada um dos elementos da natureza de expressar e afirmar a sua especificidade constitui a base da formação da grande trama, na qual cada coisa é dotada de um sentido para si própria e para o conjunto, garantindo, dessa forma, a existência e continuidade de toda a vida. Nesse sentido, cada indivíduo, não importa se faxineiro, estadista, engenheiro, parlamentar, artista ou aviador, tem no mundo externo a oportunidade para que parte do seu ser seja representado e expresso em uma atividade produtiva, bem como a possibilidade de integração do pensamento à fala e ao gesto, da percepção à ação e a possibilidade de harmonia com os mesmos princípios que regem a natureza.

Dilema Contemporâneo e Educação Ambiental

"Se colocarmos em lugar de uma pessoa a sociedade moderna geral, ela sofrerá de dissociação psíquica, isto é, de um distúrbio neurotico. Diante disso, de nada adianta se um partido a puxa obstinadamente para a direita e um outro do mesmo modo, para a esquerda (...) o médico precisa estabelecer um relacionamento com os dois lados da personalidade de seu paciente, pois somente assim poderá recompor o homem em sua integridade e não se ater apenas a um dos lados, reprimindo o outro. Isso o paciente fez sempre,

porque a cosmovisão moderna não lhe deixa outra alternativa. Em princípio, sua própria situação individual é a mesma que a coletiva. Ele é um microcosmo social que reflete em pequena escala as características da grande sociedade ou, ao contrário, o indivíduo é a menor unidade social a partir da qual resulta, por acúmulo, a dissociação coletiva." (Jung, 1988a, p. 34).

Segundo Jung (1988a), o homem, ao desconectar-se de sua origem mais remota, da fonte por onde flui a vida, ou seja, dos princípios que regem, em última instância, todas as coisas existentes no universo, "entra, sem perceber, num mundo de conceitos em que substitui, em larga escala, a verdadeira realidade pelos produtos de sua atividade consciente" (p. 37), gerando uma postura orientada por uma miragem, em substituição ao seu real caráter. Assim, é natural que as relações atreladas a uma miragem preconcebida sejam antagônicas àquelas fundadas no modelo universal (arquétipo), nos princípios inerentes à consciência objetiva, dentre os quais o princípio de integração e síntese dos pares de opostos é o que propicia o florescimento das potencialidades virtuais e continuidade da vida. Os grandes discursos de reforma do mundo ou de resolução dos problemas ambientais mundiais que coexistem, lado a lado, com a incapacidade de resolução dos problemas do entorno mais imediato do próprio que discursa, constituem expressões dessa realidade.

Os filmes *Koyaanisqatsi* e *Powaqqatsi*, este último, cujo significado na língua hopi quer dizer "uma entidade, um modo de vida de consumo da força vital de outros seres como base para a manutenção de sua própria vida"⁹, de Godfrey Reggio, trazem um conjunto de imagens da natureza profanada pelo homem, expressando a realidade atual como consequência do estado em que se encontra o homem moderno que, por haver se desconectado da fonte que provê a vida, sorve a energia por onde quer que ela flua, só para poder continuar existindo e nos lega as desoladoras imagens da natureza destituídas de vida. Essa imagem coincide justamente com aquela que Jung (1988a) fez acerca do quadro atual da natureza:

⁹ Legenda final do filme: "*From de Hopi language, PO-WAQ-QA-TS (Powaq=sorcerer, qats=life), an entity a way of life, that consumes the life forces of other beings in order to further its own life.*"

"Os deuses não só abandonaram sua morada celeste e planetária ou se transformaram em demônios ctônicos, mas seu exército, que no tempo de PARACELSO ainda perambulava alegremente pelas montanhas, florestas e moradas humanas, também ficou reduzido, cientificamente, a um resto lamentável, que por fim desapareceu. Desde tempos imemoriais, a natureza teve uma alma. Pela primeira vez agora vivemos em uma natureza inanimada e secularizada." (p.32).

Certos aspectos do filme **O Caçador de Andróides**, de Ridley Scott, expressam, da mesma forma, a projeção da própria realidade humana contemporânea. Aspectos como os da autonomia e da preponderância dos "replicantes" em relação ao seu criador, o homem, e o impulso destrutivo dos mesmos na obtenção daquilo que lhes permitem manterem-se em vida, fizeram-nos vislumbrar a projeção simbólica da própria realidade humana desconectada da fonte que lhe provê vida.

O homem, ao desconectar-se de sua mais remota raiz e estabelecer autonomia em relação a essa fonte, além de provocar toda sorte de desequilíbrios, precisa, para continuar existindo, sorver energia, por onde ela estiver fluindo, pois nele não flui mais. A imagem do caçador de andróides pareceu-nos simbolizar a força domesticadora necessária da natureza, para enfrentar o "replicante", o homem, que por distanciar-se da origem e dos princípios que promove a vida, faz valer as leis por ele próprio criadas e necessita sorver da energia alheia para continuar existindo.

O significado do "vampirismo", marca da época em que vivemos, nada mais é do que a representação dessa realidade; e o estado ao qual se encontram reduzidos a natureza e o ambiente nada mais é do que o seu reflexo. Esse fato constitui a expressão mais direta do problema do homem contemporâneo e, portanto, da civilização e do ambiente, isto é, da tendência humana à cisão e à unilateralidade, conseqüência do seu distanciamento dos princípios inerentes à Consciência Objetiva que o faz supor que o comando de todas as coisas cabe à Consciência Subjetiva. E, por constituir-se uma questão essencial e nuclear, permeia todos os setores da atividade humana, principalmente o da Educação, por ser um dos principais responsáveis pela formação e reprodução de idéias, de ideologia.

A Educação Ambiental, vista sob esse prisma, não pode deixar de abordar e trabalhar essa questão.

Perspectiva Arquetípica e Holística em Educação Ambiental: Referências Básicas

"Hoje, temos que reaprender o antigo acordo com a sabedoria da natureza e retomar a consciência de nossa fraternidade com os animais, a água, e o mar." (Campbell, 1990, p. 33).

"Os lugares formam a trama elementar do espaço. Associando os lugares às suas funções, à atividade humana, o mais significativo fator da relação para estabelecer uma classificação, poderemos falar de lugares para habitar, para trabalhar, para trocar, para circular, para jogar, etc. Por estes lugares se localizam os homens e as suas coisas, que adquirem, como ação, as propriedades do lugar onde se encontram: a cidade, o campo, o caminho, as casas, a oficina, a escola, a praça, a encruzilhada." (O espaço pedagógico, 1983, p. 46).

A constituição de uma concepção teórico-filosófica e prático-vivencial de Educação Ambiental dentro desta cosmovisão (arquetípica e holística) se quisier, efetivamente, levar em consideração a realidade das colocações expostas ao longo desta matéria - especialmente a da possibilidade de existência, manutenção e continuidade de vida em todo o Planeta, como decorrência da forma como cada um dos elementos da natureza, cada qual com sua especificidade e função útil no Todo, encontram-se interligados numa só unidade; a do estado em que se encontram reduzidos a natureza e o ambiente como resultado da cisão interna do homem, entre o inconsciente e o consciente, em vista do seu rompimento com os princípios que regem, em última instância, tanto o homem como o cosmo; a do significado conferido às palavras como a "educação" no momento de sua criação; a do processo de individuação, como processo que conduz o homem, sem sacrifício da consciência e da cultura, ao florescimento da potencialidade inerente a cada indivíduo e conexão com os mesmos princípios que regem a natureza - deve necessariamente fundar-se em **termos gerais** no(a):

- compreensão da dinâmica que rege o universo, numa escala que vai da ínfima e impalpável múnada até o cosmo de infinita dimensão;
- consciência da existência e a compreensão dos princípios inerentes àquele universo subjacente ao mundo manifesto, como aquele que a tudo e a todos anima e os trazem conectados harmonicamente numa grande trama cósmica;
- reconhecimento da urgente necessidade de o homem voltar a irmanar-se ao princípio que rege o universo;
- necessária compreensão do processo de individuação, como aquele que propicia a constituição de indivíduos singulares e o estabelecimento de relações de reciprocidade, cooperação, complementação e, portanto, contribui para a emergência, reprodução, manutenção e continuidade de vida para as formas cada vez mais evoluídas;
- reconhecimento e respeito às diferenças e à integração destas num todo interdependente e inter-relacionado;
- realização da leitura e compreensão dos dados básicos de Ecologia, dentro de uma perspectiva arquetípica e holística;
- reconhecimento de que o cuidado com a terra diz respeito a todos que dela recebem a possibilidade de existir em vida e, portanto, de que a questão ambiental diz respeito a cada um daqueles que a habita e é passível de ser trabalhada em qualquer esfera da vida e por todas as pessoas que estiverem interessadas na garantia de sua própria existência;
- reconhecimento e compreensão de que o exercício da Educação Ambiental não constitui privilégio ou responsabilidade de determinados setores ou de uma classe de indivíduos da sociedade, pois diz respeito a cada cidadão do planeta independente de sua categoria econômica, social, política, institucional, ocupacional ou de sua formação educacional e está relacionado à vivência de cada um, segundo a sua condição de vida e não segundo o papel que lhe é conferido apenas formalmente, bem como de apropriar-se de sua singularidade;
- articulação dos conceitos à prática, de acordo com a realidade específica de cada indivíduo, num determinado espaço e tempo;
- realização da passagem do nível conceitual ao concreto, me-

diante harmonização da ampla compreensão teórico-filosófica e prático-vivencial de Educação Ambiental de perspectiva arquetípica, dentre tantos outros.

Em termos específicos, a adoção da referência "o lugar a partir do qual falamos" deve constituir o princípio básico para a identificação e definição do campo, objeto e fim do trabalho de Educação Ambiental de cada indivíduo. Cada lugar, independente do lugar que nos é reservado formal ou institucionalmente, pode, assim, se constituir lugar para se fazer Educação Ambiental. Pode ser a casa, o quarto, a escola, a rua, o local de trabalho, a praia, o bairro, o quarteirão, a praça ou o jardim, ou seja, onde quer que cada um se encontre situado num determinado tempo. Isso possibilita a cada um participar do esforço pela preservação da natureza e pela melhora da qualidade do meio, a partir e dentro do seu campo habitual de atividades e de acordo com a sua possibilidade, necessidade e vontade. Cada indivíduo em si, de acordo com o caráter, limites e possibilidades de sua realidade pessoal e social, pode vir a constituir-se espaço e recurso humano em potencial para o trabalho de transformação de ambientes e de relacionamentos.

Na realidade, essa referência que acaba de ser colocada estabelece contraponto com um dos aspectos dos desdobramentos da essência do problema contemporâneo, ou seja, ao predomínio dos valores e mecanismos voltados para massificar e zerar as unidades individuais, em detrimento do processo capaz de conduzir o indivíduo ao encontro de si mesmo ou, se quisermos, ao florescimento da essência original de cada um, ao fluir e à afirmação das diferenças e das singularidades de cada pessoa como base para o estabelecimento das relações de reciprocidade e complementaridade, fundamental ao prosseguimento do rumo apontado pela natureza.

Essa mesma referência contribui, de certo modo, para que o indivíduo caminhe no sentido de vir a se constituir UM, função útil no Todo, portanto, contribui para a reaproximação do homem daquele princípio que rege a natureza. Aquele que propicia o estabelecimento de relações de cooperação com a emergência, reprodução, manutenção e continuidade da vida para formas cada vez mais evoluídas. Permite, pois, tocar na importante

questão do distanciamento do homem contemporâneo das suas raízes, de si próprio, do significado conferido às palavras, no momento em que elas foram criadas, às quais está associada a perda de nossa própria identidade, aquela original e criativa que, em última instância, constitui o nosso único ponto de apoio interno, para que possamos nos colocar no mundo, sem nos perdermos a nós mesmos.

Com isso, abre-se a possibilidade do exercício de o indivíduo poder colocar-se sob princípio análogo ao que rege a natureza: o da expressão e afirmação da singularidade, como base para o estabelecimento das relações que colaboram para o prosseguimento do rumo apontado por ela. Ou seja, abre-se a possibilidade da tentativa do exercício de resgate humano de si mesmo e o da recondução de suas partes compartimentadas à unidade. Nisto encontra-se implícito o exercício de integração entre a vida e a ciência, a teoria e a prática, o pensamento e o gesto, a potencialidade individual e a realidade da vida, o conhecimento e a vivência, o individual e o coletivo, o prazer, o útil e o necessário, a singularidade latente e a singularidade manifesta.

Ainda, permite conferir à Educação Ambiental um caráter interdisciplinar, holístico e, acima de tudo, vivencial; permite também o reconhecimento, a valorização e a otimização do lugar ao qual cada um pertence, além de tomar cada projeto real e exequível, contrapondo-se ao atrelamento do homem moderno a mirabolantes miragens de si mesmo.

Ou ainda, permite estabelecer um contraponto ao predomínio de uma visão de Educação Ambiental, centrada em Biologia, carente de uma abordagem, integrando o natural, o cultural e o individual numa só unidade, à tendência em transformar a Educação Ambiental em uma disciplina ou associá-la à área de Ciências; à tendência de compartimentar a Educação Ambiental em setores estanques ou torná-la uma sobrecarga ou tarefa adicional à atividade regular de cada um; ao predomínio de uma aprendizagem fundada em assimilação mecânica, explicação analítica e reprodução simples da produção alheia, desvinculada da realidade concreta na qual cada indivíduo se encontra inserido.

O reconhecimento de si mesmo e a leitura do "lugar" a partir de onde cada indivíduo "fala" leva necessariamente a convergência da identidade

específica do indivíduo e a do seu entorno. Assim, qualquer atividade que venha a ser desenvolvida nessa confluência pressupõe a integração do modo próprio de cada um ser, atuar, falar, considerar o coletivo e o entorno, portanto, dotá-la de sentido. É nesse sentido que, dentro desta perspectiva, torna-se fundamental a introdução de atividades que favoreçam ou auxiliem a aproximação das partes compartimentadas e a conexão da palavra proferida com o seu sentido primordial. Ou seja, exercitar o tocar e o resgatar da unidade original, da inteireza perdida ou comprometida de cada indivíduo: lá onde podemos ser fortes ante os hábitos e os atos subjugadores do autoritarismo, do poder e da ignorância (ausência de Sabedoria); lá onde ninguém subtrai a ninguém por representar a expressão da unidade indivisível que cada ser porta em si de maneira única e, se a cada uma destas fosse permitido existir livremente, a reunião delas poderia compor um rico, bonito e harmonioso mosaico das diferenças e singularidades.

Contudo, não se trata de tomar em mãos, neste espaço e caráter de trabalho, o processo de individuação. Este constitui, em si, uma complexa tarefa que deve ficar nas mãos de especialistas dedicados unicamente a essa questão. Nesta instância de trabalho, trata-se de tentar tão-somente estabelecer uma abordagem integradora capaz de, ao menos, levantar a suspeita da existência do fenômeno da cisão e unilateralidade típica do homem moderno, de favorecer o desenvolvimento da percepção, mediante exercícios voltados para a leitura e discriminação da cisão existente entre o real e a aparência, o pensamento e o gesto, o discurso e o ato, as intenções veladas e as expressas; de criar um espaço destinado ao exercício inicial da busca da recondução à unidade das partes cindidas e compartimentadas do ser humano. No fundo, trata-se de abrir espaço para o exercício da percepção da essência do problema contemporâneo, manifesta nele mesmo, no outro e nas configurações reveladas num determinado tempo e espaço, e, se possível, transportar essa percepção para os gestos através de pequenas ações de caráter transformador. Isto me pareceu possível, próximo, plausível e exequível, à medida que adotássemos como referência nuclear do desenvolvimento dos trabalhos a "leitura do lugar a partir do qual cada qual fala".

A apropriação do ser e estar de cada indivíduo passa, desse modo, a constituir referência nuclear de vivência e prática em Educação Ambien-

tal. Cada indivíduo, com as suas potencialidades e os diversos papéis que ocupa na vida, congrega inúmeros lugares. Cada um deles encerra, sem que lhe seja formalmente outorgado, espaço potencial de trabalho com Educação Ambiental e unidade capaz de congregar a totalidade mais ampla. Se cada indivíduo, independente do grau de escolaridade, idade, profissão, cargo, formação ou local de moradia, passa a constituir aquela unidade nuclear independente, passa naturalmente a contribuir para o estabelecimento do funcionamento do conjunto. Se essa referência se incorpora à vida de cada um, a sua prática possibilita, em princípio, ampliar e abranger todo o planeta. Não precisamos nos restringir a "permissões" institucionais ou formais para praticarmos educação ambiental. Basta estarmos no planeta para que qualquer "lugar" possa se tornar um "espaço" para se praticar educação ambiental. Dispensando o condicionamento a um setor, formação ou ocupação, qualquer lugar que ocupe um indivíduo na sociedade pode ser permeado por uma prática que contribua para a melhora da qualidade do entorno. O objeto de trabalho que esse "lugar" propicia pode ser o quarto onde dormimos, a sala de aula, o local do prédio onde moramos, o alimento e os medicamentos que ingerimos, o material de higiene que usamos, a energia que consumimos, o jardim da casa, o quarteirão ou o bairro, a cozinha, a calçada do bairro, o local onde trabalhamos, o local onde nos divertimos ou descansamos... quanto mais lugares e papéis forem permeados por essa idéia e prática, tanto maior será a superfície do mosaico de interfaces de lugares.

Contudo, essa colocação não significa negar ou opor-se à existência de instâncias institucionais específicas para o desenvolvimento da Educação Ambiental. Significa, no entanto, que restringir-se a essas instâncias específicas é como resolver a questão ambiental por um mero decreto. Não podemos esquecer o princípio sobre o qual se encontram assentadas a existência e a continuidade da vida: elas não ocorrem por uma decisão humana ou por um decreto. Tampouco se pode esquecer que o Todo é formado pela reunião de vários Um e que a postura de cada indivíduo tem influência decisiva no Todo, senão acaba por reproduzir-se novamente aquela tendência massificadora, refletida em projetos para englobar inúmeros indivíduos sem identidade, por esquecer-se de que a ação transformadora de cada diferença e singularidade individual pode compor o mosaico do Todo pelo princípio da complementaridade e coope-

ração. Ação que está de acordo com o princípio de ordenação da natureza. Como já expusemos anteriormente, é inerente à ordenação dominante conduzir o indivíduo ao distanciamento cada vez maior de sua realidade mais próxima e aproximá-lo da elaboração de miragens de soluções. Muitos projetos de ampla resolução são muitas vezes incompatíveis com os gestos de quem os propõe. Estes, muitas vezes, sequer possuem a solução dos seus problemas mais imediatos como o da qualidade de sua alimentação, o do ambiente de seu quarto, de sua escola, de seu prédio. O pressuposto sobre o qual nos referimos desde o início deste item pode trazer, também, cada indivíduo à sua realidade mais imediata e exequível e não a mirabolantes e inexecutáveis intenções. Sabe-se que muitas vezes os problemas mais imediatos e tangíveis sequer são mencionados; entretanto, elabora-se uma infinidade de propostas e projetos distantes da real exequibilidade, que nunca chegam a ser concretizados. Seria muito mais real e sábio, se cada pessoa pudesse fazer um gesto em direção à melhora da qualidade do meio ambiente, a partir da sua realidade específica. Em outras palavras, a questão da educação humana para o meio nos remete necessariamente a uma questão de postura. Uma postura capaz de trazer em si a coerência entre o pensamento, a fala e o gesto. A prática de educação ambiental está fundada nesse princípio. Assim, o mais importante aqui é ter-se em conta que qualquer lugar é lugar para se fazer educação ambiental, que qualquer indivíduo é portador da possibilidade de fazer educação ambiental.

Ao se propor a leitura e a transformação concreta da realidade de cada indivíduo, coloca-se, de um lado, a necessidade de suprir as pessoas, independente da sua ocupação, formação, categoria social, de um certo conhecimento básico em Ecologia e Educação Ambiental, dentro de uma visão integradora de mundo e de vida e, de outro, a de introduzir atividades que lhes permitam desenvolver o exercício da percepção de si, do outro e do entorno.

O reconhecimento do primeiro aspecto implica, inicialmente, suprir essa carência de conhecimento com um programa de informação e de formação básica em Ecologia, Meio Ambiente, Ecologia Humana, Educação Ambiental, adequado ao ofício e à instância onde cada um se encontra situado, a fim de subsidiar o exercício de cidadania ambiental. Dentro da perspectiva adotada neste trabalho, o fundamento desse conhecimento

consiste, como não poderia deixar de ser, em entender o mistério mais arcaico da vida: o princípio que nos propicia a cada instante o espetáculo da eclosão, existência e continuidade da vida; movimento, beleza e harmonia em toda a extensão cósmica, infinita, palpável e impalpável. Nesse sentido, as informações das quais carece o homem, necessitam, de alguma forma, traduzir o universo dos princípios inerentes ao plano da realidade que rege, em última instância, a natureza.

A referência à transmissão das informações, dentro desta perspectiva, pressupõe a integração do conhecimento sistematizado cientificamente com o conhecimento que cada indivíduo adquire mediante vivência. Essa referência permite, de certa forma, estabelecer um contraponto à tendência de tomar soberano o conhecimento científico e de fazer preponderar a variável explicação analítica e a racionalidade, na transmissão dos conhecimentos, em detrimento do saber que se adquire mediante a compreensão e a vivência. A Ciência é, pois, vista aqui como instrumento de apoio à Formação Teórica e Prática em Educação Ambiental e como veículo de um fundamento maior. Os dados básicos de Ecologia e Meio Ambiente devem ser dispostos como parte integrante de uma cosmovisão unitária, numa clara alusão à existência da correlação entre todos os elementos que compõem o universo, do qual a natureza, o homem e a cultura participam como uma só unidade.

Essa colocação, por sua vez, nos remete à idéia do Todo Primordial, algo muito profundo, essencial e real, porém de extrema sutileza na sua manifestação. Como se sabe, esse universo só se faz comunicar indiretamente. O fato pede, então, a integração de linguagens que constituem seu universo de representações. Nesse sentido, uma das referências consiste na introdução de diferentes conhecimentos e linguagens que extrapolam os da ciência e os da técnica, tais como a imagem, a intuição, a arte e os recursos sensoriais e corporais como instrumentos primordiais à prática de Educação Ambiental.

Isso permite estabelecer, de certa forma, um contraponto a outro aspecto do problema inerente à sociedade, regida pelo universo da racionalidade, isto é, o da frágil utilização de linguagens e instrumentos da Consciência Objetiva ou do Inconsciente. Isto nos conduz ao reconhecimento do segundo aspecto, anteriormente colocado, e implica a necessária inserção

do trabalho de percepção sensorial e corporal nas atividades de percepção de si mesmo, do outro e do entorno, nos programas de observação das regularidades dos processos que regem a natureza e nos programas de estudos individuais, a fim de colaborar para diminuir a distância existente entre as partes compartimentadas do Ser e aproximar o indivíduo da sua essência singular.

Essa referência constela, naturalmente, o elemento sócio-afetivo, como contraponto à ausência de relações de caráter afetivo e ao esvaziamento dos valores e dos princípios de caráter ético, nos relacionamentos e nos ambientes e processos de trabalho. Permite estabelecer um vínculo afetivo com o lugar onde cada um se encontra e o exercício da liberdade de, a partir desse lugar, efetuar transformações. Assim, através da inclusão de elementos como a compreensão, a confiança, a emoção, a liberdade, a dignidade, a integridade, o respeito, a necessidade, a coerência, a verdade, o princípio, o sentido, a ética, a sinceridade... abre-se a possibilidade para tocarmos socialmente naquilo que consideramos o problema fundamental do homem de hoje: cisão psíquica e distanciamento de si próprio e das suas raízes primordiais.

Sendo inerente à sociedade que consagra esse estado de ser e estar humano o autoritarismo, o uso do poder, a manipulação, a compartimentação, a coisificação, a produção e a reprodução de mecanismos que bloqueiam o fluir da personalidade total e a aproximação de cada indivíduo de si mesmo, bem como o predomínio dos hábitos autoritários e a utilização dos recursos e linguagens do poder no estabelecimento de relacionamentos, ao contribuir para a reprodução e a sedimentação das relações baseadas em desconfiança e polarizadas em apropriadores e apropriados, dominadores e dominados, nela constitui fato natural o distanciamento da possibilidade de cada um poder se apropriar e produzir-se, fazendo com que a integridade, a autenticidade, a individualidade e a criatividade percam a sua fertilidade e a possibilidade de existir. Nesse sentido, a criação de ambientes e relacionamentos baseados em confiança e comportamentos não-autoritários, para neles desenvolver os trabalhos de informação básica, de percepção sensorial e corporal e atividades práticas de Educação Ambiental, constitui outra importante referência.

Com essa colocação, voltamos à questão que deu início a este trabalho: a

da cisão, unilateralidade e dificuldade do homem em integrar as partes separadas. Retomá-la é uma necessidade decorrente do fato de estar acontecendo uma compartimentação na vida do homem que o leva a um distanciamento de si mesmo e de suas percepções mais imediatas; e do fato de considerar essa cisão e distanciamento como os principais responsáveis pelo estado de coisas que vivenciamos e presenciamos na atual civilização a que pertencemos, principalmente no que se refere aos relacionamentos entre os homens e destes com o meio circundante. Com essa referência, vislumbramos novamente a possibilidade do exercício de processos que contribuam para provocar ao menos a suspeita da existência de caminhos que favorecem ao homem o aproximar-se de si próprio, permitindo-lhe colaborar, desse modo, com o florescimento e a afirmação das diferenças e singularidades individuais.

Assim, o campo aberto pela Educação Ambiental nos acena com a possibilidade de ensaiarmos integrar, nas atividades, o trabalho sobre a questão fundamental do homem de hoje, ou seja, a sua fragmentação, a compartimentação, a divisão entre o pensamento, o gesto e a fala que o conduzem a uma relação desarmoniosa consigo próprio, com o outro e com o seu entorno.

Nessa perspectiva, atuar na Natureza, com os elementos que dela fazem parte, nos proporciona o vôo de amplitude holística raramente permitido: a totalidade do indivíduo pode ser suspeita de existir; pode ser ensaiada, tocada, lembrada, despertada, vivida, exercitada e partilhada consigo próprio, com o outro e com o meio circundante num incessante movimento. Possibilita integrar o meio natural e o cultural, o divino e o profano, o pessoal e o suprapessoal, a sabedoria e a ciência, a técnica e a emoção, as possibilidades e os limites num ato único, circunscrito num determinado espaço e tempo.

Utopia? Não, com certeza. Pois se se evidencia a existência de correspondência dos problemas existentes no mundo contemporâneo, com a cisão psíquica do homem moderno, já é muito. Será mais ainda, se se inocular a suspeita de que a resolução de uma grande parte desses problemas reside na recondução das partes cindidas à unidade e de que essa unidade essencial existe em cada um de nós e está disponível para que possamos dar início à essa recondução, em algum ponto da trajetória de nossa

vida. Poderá levar décadas para se processá-la, poderá recorrer-se a uma diversidade de recursos, mas a simples tomada de conhecimento desse fato, de se ser tocado por ele e de se passar a exercitar o descondicionamento de alguns dos elementos que nos afastam dessa unidade original, já é o bastante.

Fundamentalmente são estas as mais importantes referências, dentre tantas outras, que se decantaram como as mais significativas, no decorrer do processo de vivência, estudo, reflexão e verificação na prática de ensino de Educação Ambiental, adotadas como base para os trabalhos, tanto teórico-filosóficos como vivenciais e práticos de Educação Ambiental.

Referências Bibliográficas

- BORGES, J. L. **História da eternidade**, 3. ed. Trad. por Carmen Cime Lima. Rio de Janeiro: Globo, 1953.110p.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. Trad. por Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.242p.
- CAMPOS, H. (Org.) **Ideograma**. Trad. por Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1986.
- CAPRA, F. **O TAO da Física**. Trad. por José Fernandes Dias. São Paulo: Cultrix, 1984.260p.
- GONÇALVES, R.M. (Org.) **Textos budistas e zen budistas**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, (19).238p.
- HALL, C. S., NORDBY, V. J. **Introdução à Psicologia junquiana**. Trad. por Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, (19) 122p.
- I CHING: **O livro das mutações**. Trad. por Gustavo A. C. Pinto. São Paulo: Pensamento, 1983.527p.

O ESPAÇO pedagógico. Porto: Apontamento, 1983.

JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente**. Trad. por Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1984.588p.

————— **O eu e o inconsciente**. 8. ed. Trad. por Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1990.166p.

—————. **Presente e futuro**. Trad. por Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1988a 56p.

—————. **Sincronicidade**. 3. ed. Trad. por Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1988b. 109p.

JUNG, C.G., WILHELM, R. **O segredo da Flor de Ouro, um livro de vida chinês**. 2. ed. Trad. por Dora Ferreira da Silva e Maria Lui-

za Appy. Petrópolis: Vozes, 1984.142p.

MATSUSHIMA, K. **Perspectiva arquetípica e holística em educação ambiental**: fundamento, vivência, prática. São Paulo, 1992. 332p. Tese (Doutorado) - IP, Universidade de São Paulo, 1992.

————— **Projeto Educação Ambiental para o Ensino de 1º grau**. São Paulo: CETESB, 1984.

MATSUSHIMA, K. et al. **Educação ambiental**: guia do professor de 1º e 2º graus. Edição piloto, São Paulo: CETESB, 1987.288P.

NORMAND, H. **Os mestres do TAO: Lao-Tzu, Lie-Tzu, Chuang-Tzu**. Trad. por Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Pensamento, 1985.188p.